

BRASÃO

Director e Editor: Dr. David de Oliveira

SEMANARIO REPUBLICANO

N.º 21 DO 2.º ANO

Redacção e Administração: R. de FRANCISCO AGRA, 8

Guimarães, 22 de Junho de 1924

Composição e impressão: RUA DE GIL VICENTE, 34
MINERVA RIBEIRO. — Guimarães

PELA POLÍTICA

Esperançados em que o conhecimento da gravidade das suas responsabilidades, que lhes devia ter vindo, quando mais não fôsse, da violenta campanha anti-parlamentarista feita em certa imprensa, traria aos homens que ocupam as cadeiras de S. Bento a ponderação e a actividade requeridas; confiados em que a urgência de acudir aos males da Nação, exteriorizada diariamente pelas queixas do povo que neles delegou, tinha, enfim, como era lógico, sido compreendida pelas Camaras, como certo tínhamos também que o Parlamento ia entrar naquela fase de *política nacional*, política reparadora, sem tricas nem intrigas, fora de compadrios e paixões.

Por certo tínhamos que não mais haveria razões para censurar a acção do legislativo ou dos homens que o exercem e, com magua o constatamos, temos de confessar que nos enganamos. Suas excelências, aparte um curto período de labor intenso e metódico, imposto pelos perigos instantes de uma deplorável situação interna, caíram nos mesmos vícios, voltaram á anterior attitude, que tinha a caracterizá-la ou a inacção tantas vezes condenada, ou essa politiquice detestável, que causa nojo, de arrufos e caprichos, a estadear-se, por vezes, em palavras que denotam falta de respeito dos que os proferem pelas altas funções que desempenham e, sobretudo, por aqueles que representam.

A essa curta hora de bom labor largo tempo se succedeu em que quasi nada se tem feito para acudir ás necessidades que, de dia para dia, se vão acumulando, adensando, asfixiantes, sobre a Nação. Largo tempo tem corrido, gasto quasi todo êle em deploráveis rixas pessoais e partidárias, á sombra das quais vai ganhando vulto a confusão tremenda que torna incerta a obra dos governos e problematica a eficacia das leis.

E' com máguca que o dizemos; mas o amor da vardade a tanto nos levou, que não sofremos que assim se sofissem missões, por nós reputadas sagradas, e se jogue a cebra-coga onde bem ás claras devia pontificar o amor da Pátria.

DÓRIO.

Vamos a vêr

Ou porque a Terra largasse a «camisa da noite» ou por se ter desfarruscado o Sol, o certo é que o calor vai apertando. Estamos nos dias em que apatece um passeio pelas ruas da cidade, quando não possa ser pelos seus lindos arredores. Vamos a vêr se este ano acontecerá como nos outros: despejos a toda a hora, caça ao piohno em plena rua, galinhas, etc., dando o entender que isto tem progredido tanto que já vai no autotico *communismo animal*. E' o que se verá.

MODO DE VIDA

Limpinho, a barba feita, blusa de ganga e calça de cotim castanha com riscas azuis, o nosso homem aproxima-se reverente, faz menção de tirar do bolso um papel que não traz — esqueceu-lhe — e que diz ser um atestado médico. Ao mesmo tempo, vai desfilando uma cantilena lamurienta, um nunca acabar de queixas contra a má sorte que o não larga, contra o destino cruel que lhe arrumou com a mulher, uma santa, para o hospital e o presenteou a êle com uma doença de peito, que o não deixa trabalhar e até o mata, se lhe não acodem com umas esmolinhas.

— O' meu bemfeitor, não há esmola mais bem empregada. Eu não peço só para mim; tenho um rancho de filhinhos lá na terra e ando por aqui á procura de almas caridosas que m'os ajudem a sustentar. Vossa Excelencia se os visse até tinha dó de tão grande desgraça.

E estes lamentos succedem-se, de ora em quando, acompanhados de gestos de desespero, ombros alçados, braços abertos, numa confissão de impotência contra as investidas da má sina com que nasceu, que até o não deixa trabalhar para valer aos filhinhos queridos. Comove-se a gente, saca de uns *cobres* e, regra geral, fica com pena de não poder dar mais. Depois, tanta miséria, aquele quadro negro em que a traços vivos se salientam algumas crianças contorcendo-se, esqueléticas, nas garras da fome, faz-nos amaldiçoar a vida, descreír dos homens e dos di-uses, numa raiva surda de destruição que aniquile de vós com a humanidade, o destino inclemente e vário a que está subordinada. Foi o que me aconteceu há dias. O nosso homem *arrou-me*, cantou-me a cantiga do hospital e da fome e depois, quando cheguei á estação, fui encontrá-lo a... tratar da doença de peito com o emborcamento repetido daquilo a que alguns, por devoção esquentada, chamam sangue de Cristo.—P. P.

ECOS

Finórios

Defensores da ordem, na brecha contra a indisciplina que domina em todas as camadas, os partidarios do que na Ericeira começou a *travessia da Mancha* todos se derretem em louvores aos revoltosos da Amadora. E' que estes pescadores de aguas turvas, apregoando o seu amor á disciplina, são os primeiros a provocar a anarquia, desde que dela aproveite o seu ódio á Republica. E o que é facto é que até hoje tem conseguido os seus intentos, sem que alguém lhes vá á mão, antes sendo seguidos por criaturas que se dizem republicanas. Uns finórios, afinal de contas.

→→→

O das «Distracções».

O das «Distracções», colaborador do «Ecos», em o seu ultimo arrazoado, prova bem o quanto a peçonha lhe é apanágio—escola dos Caldas e quejandos—atingindo-se ao govêrno do País, como S. Tiago aos Mouros, e apodando-o de ladrão e não sabemos que mais, faz afirmações como esta:

«Sei que principiou pela venda dos soldados dos homens validos para a guerra e que ha-de terminar pela venda dos nossos ossos para alguma fábrica de farelo».

E' espantoso, não acham?! Isto só de um distraído que milita na *santa causa*! De contrário, recomendar-lhe-iamos um desses resumos de História Pátria para ir lendo quando estivesse a saborear êsse tal farelo... de que parece gostar tanto.

Farelo, água quente e couves.

E se isto ainda o não satisfizer, nós que não estamos dispostos a aturá-lo, recomendamos-lhe a palha que, para a engorda, não é de piores efeitos.



«E julgareis qual é mais excelente
Se ser do mundo rei, se de tal gent?».

LUSÍADAS—Canto I.

VIVA PORTUGAL!

E' o grito que neste momento sai da boca de todos os portugueses. Portugal mais uma vez mostrou que tem filhos capazes de continuar a obra daqueles, que souberam bem alto levantar o seu nome causando a admiração do mundo inteiro. E se a obra de Gago Coutinho e Sacadura Cabral jamais desaparecerá das páginas da história, o mesmo acontecerá com a dos nossos três irmãos, orgulho da nossa raça, que se chamam BRITO PAIS, SARMENTO BEIRES e MANUEL GOUVEIA.

Neste momento de alegria sentido por todos nós portugueses, ponhâmos de parte todas as ideias pessimistas, e confieinos no engrandecimento da nossa querida PÁTRIA. Recordemos o passado, aquele passado feliz e orgulhoso cantado pelo nosso grande E'pico!

Recordemos os feitos de Vasco da Gama, Pedro Alvares Cabral e Fernão de Magalhães que tanto enobreceram a Pátria que os gerou, e logo vereinos que as suas obras encontraram e hão-de encontrar d'gnos continuadores revestidos do mesmo amor patriótico. O *raiz* Lisboa-Macau também ficará eternamente gravado a letras de ouro na nossa História para assim mostrarmos aos vindouros que, em todas as épocas, Portugal teve sempre filhos que o engrandeceram.

Neste momento difícil que atravessamos, como a maioria de todas as Nações da Europa, sacrificuemos um pouco a nossa ansiedade, e-stando melhores dias, e tenhamos fé nos sagrados destinos da Pátria, porque Portugal não morrerá. O seu passado brilhante novamente reaparecerá com a obra de Brito Pais e Sarmiento Beires, e os feitos dos antepassados, traduzidos em estrofes brilhantes por Luis de Camões, serão completados com o *raiz* Lisboa-Macau. E se foram as descobertas dos nossos antepassados que tanto engrandeceram Portugal, com certeza que novamente havemos de sentir esse engrandecimento. O Infante D. Henrique, essa figura sublime da história de Portugal, que tanto contribuiu para a época brilhante dos descobrimentos, deve sempre ser por todos nós venerado. Porém, não é sómente o mesmo ardor patriótico dos nossos antepassados que dignifica Brito Pais e Sarmiento Beires.

Se outróra essas gloriosas descobertas se realizaram em frágeis caravelas, também hoje se continuam a realizar em frágeis aviões. E se essas caravelas mais do que uma vez pereceram em mares desconhecidos, o mesmo aconteceu com o pobre «Pátria». Contudo, apesar de todas estas atribulações, o nome de Portugal jamais deixou de ser glorificado pelos seus filhos. Tofo o povo português neste momento exalta comovido de alegria o nome dos seus irmãos, que, arrostando todos os perigos «por ares nunca atravessados», levaram o nome de Portugal a paragens longinquas.

Portugal revive, porque seus filhos assim o querem. Que importa sacrificar a vida, al dondar entre lagrimas e gemidos os que nos são mais queridos se o prestígio da Pátria as-im o exige?

E' este o sentimento sagrado que acompanha esses três heróis que, lá longe, muito longe, foram levar a saudade e o valor do povo português. Eles foram também mostrar a todas as nações que o Portugal de hoje continua sendo o das descobertas e dos heróis. Eles foram mostrar ainda que o povo português é o mesmo que soube vencer em

Ao Ex.^{mo} Delegado do Governo

Já mais de que uma vez aqui dissemos que a imoralidade campeia livremente pelas ruas da cidade.

Pois bem: não pretendendo culpar o Ex.^{mo} Delegado do Governo—pois sabemos que nada pode fazer por não ter um corpo de policia organizado—contudo chamamos a atenção de S. Ex.^a para o espectáculo que todas as noites se presenciam ali, á rua de Francisco Agra, na casa de passe da conhecida «Covilhã».

E a tais scenas indecorosas se assiste, e tais palavras se ouvem, que impossível se torna a uma senhora chegar á janela ou mesmo consentir que seus filhos o façam—de que quilate são os gestos e as falas?

Mas há mais: Os vizinhos dessa casa imunda de impudor, de bebedeira e de prostituição, quando Administrador o senhor de Gonça, fizeram uma representação para que lhe fechassem as portas, processo que se encontra arquivado no escritório do escrivão do 2.º officio, senhor Serafim Rodrigues, — não sabemos porque (?)—e no qual se encontra o despacho do Administrador de então e que principia assim:

«Em vista dos depoimentos, prova-se que na casa de Antonia Covilhã, na rua de Francisco Agra, desta cidade, se praticam actos de imoralidade». Que mais era necessário?

Do processo conseguimos ainda copiar os depoimentos e transcrevê-los-hemos para mais cabal prova da existencia desse antro abjecto e ignobil.

Ouamos:
José Francisco da Costa—Que a casa da Covilhã é frequentada pela escória da sociedade, havendo ali entrada de homens e mulheres de má nota, havendo sempre algazarras e sussurros, tendo essa mulher sido chamada á Policia porque mais de que uma vez por factos indecorosos praticados em sua casa.

José Lopes. — Que na casa da Covilhã se reúnem mulheres de má nota, havendo lá sempre dissurbios e continuamente se proferem ali palavras das mais obscenas.

Augusto Joaquim da Silva—Solicitador—Que conhece a residencia da arguida, a qual fica em frente d'ele, depoente, e tem plenissimo conhecimento que naquela casa entram pessoas de má nota, ouvindo-se grandes algazarras, ás altas horas da noite, incomodando toda a vizinhança, sendo certo que o depoente já do que acaba de relatar, o parti-

cipou na Administração deste concelho, havendo conveniencia em que a arguida dali se retire.

Francisco José Ferreira Junior—Industrial.—A casa da Covilhã é frequentada por criaturas ordinárias, sendo raro o dia em que ali não hajam desordens, do que resulta incomodos para toda a vizinhança, tendo esta, muitas vezes, de andar a chamar a policia ou a Guarda Republicana, achando, por isso, de toda a conveniencia, para sossego da vizinhança e para bem da moral pública, que aquelle antro seja encerrado.

Francisco Dias de Castro—Industrial.—Confirma o depoimento da 1.ª testemunha, achando conveniente mandar-lhe fechar as portas para bem da vizinhança e da moral pública.

Tenente Carlos Augusto Pereira de Castro. — Que tem conhecimento de que naquela casa se reúnem desordeiros, incomodando assim toda a vizinhança e para bem desta e da moral publica, acha conveniente que este antro desapareça.

Dr. Fernando Gilberto Pereira—Senhorio da Covilhã.— Que por mais de uma vez se tem alguém queixado de scenas indecorosas e dissurbios na casa em que mora a Covilhã; que na sua qualidade de senhorio, lhe tem feito admoestações que tem julgado convenientes, tendo ella manifestado propósitos de emenda.

— Lembramos que a Guarda Republicana já lhe caçou a licença por 8 vezes e que, há ainda bem pouco tempo, o sr. Capitão Silvestre Barreira se queixou á policia pelos insultos que a sua familia dela sofreu, nada conseguindo, pois a licença continuou nas mãos da arguida.

Como se vê, já não é de hoje nem de ontem que, contra a Covilhã, apparecem queixas. O que nos admira é que haja quem proteja tal mulher.

Provado, como está, que a sua casa é de imundície, de passe, de deboche e de imoralidade, porque não intimá-la a desviar-se para longe, em bairro isolado?

Porque consentir em tal desvergonha e porque há-de a vizinhança viver em completo desassossego, sujeita ás vaias de quem, como a Covilhã, anda sempre embriagada?

Senhor Delegado do Governo: V. Ex.^a que tem tomado a peito a questão de moralidade, mande encerrar aquella casa que nenhuma razão tem de existir, porque assim o reclamam a moral e a população da Rua de Francisco Agra.

Aljubarrota, lutar heroicamente no campo de Flandres e nas terras inhospitas da Africa. E um dia, quando esses três heróis cobertos de glória voltarem á sua ditosa Pátria, ouvirão de todos os seus compatriotas as mesmas glórias e as mesmas hosannas, dum viva a Portugal.

A. C.

Os escoteiros católicos

Acabaram, enfim! E a cidade de Guimarães pode vangloriar-se de ter dela partido o golpe que os derrubou.

Ainda que isso muito pese ao colega «O Comercio de Guimarães», assim aconteceu.

¿O que eram e para que seriam os escoteiros católicos?

Um produto do jesuitismo, a vanguarda do clericalismo que, mais uma vez, se prepara para eravar as suas garras aduncas no nosso país.

Faltando-lhe as escolas onde exercia a sua nefasta propaga-

da, tentou servir-se dum ideia bela e nobre para conseguir os seus fins e... prégar o ódio á Republica.

Preparar os cidadãos de amanhã, formar almas sãs em corpos sãos, que lhe importava isso?

Ter um grupo de rapazes a quem iria ministrando com cuidados habéis as suas doutrinas e fazer d'elles outros tantos agentes da propaganda clerical, eis o fim.

Os escoteiros católicos serviam, na frase pitoresca de alguém, para ir á noíssa formados e com o passo certo.

Corre para aí, não sei com que fundamento, que o extinto G. E. C. vai pôr nova tiboleta e passará a chamar-se Grupo de Escoteiros da Sociedade Martins Sarmento.

Francamente, se isto é blague, não é mal achada. Seria para admirar?

Num país onde, na mais antiga das Universidades, se admitem teses de doutoramento como a da «Lourdes e a Medicina», com grande aplauso dos professores-sacristas (assim lhes chamam os alunos da Faculdade

de Medicina da Universidade de Coimbra), num país onde se realizam as grandes festas do pagode religioso chamadas as «Jornadas Encaristicas», que são ao mesmo tempo manifestações de reaccionarismo em delírio, nada é para admirar.

Para admirar é o procedimento das autoridades para quem a lei é letra morta.

E já que estamos a tratar de escoteiros, permita «O Comercio de Guimarães» que lhe dê uma resposta:

Em Guimarães vai fundar-se um Grupo de Adneiros de Portugal para o que já «Alguem» está em contacto com a União. Esse grupo não levantará a bandeira anti-católica porque nêle serão admitidos individuos de todas as religiões, não será anti-monárquico ou anti-republicano porque entrarão nêle individuos de todas as crenças políticas.

Esta é a verdade pura e simples. Quem lhe insinua o que na sua local diz, mentiu, é hipócrita como jesuita que é.

Karl.

Subscrição

Iniciada pelo nosso jornal, tendente a auxiliar financeiramente a gloriosa jornada de Brito Pais e Sarmiento Beires

Transporte...	1.242,700
João Pereira da Costa, proprietario da Tip. «Lusitania»...	23,40
Empresa do Campo J. Minotes, srs. Capitão Duarte Fraga, A. Teixeira Carneiro e João R. Loureiro...	358,96
Festa Desportiva promovida por «A Razão»...	515,94
Soma...	2.139,704

Balancete da Festa Desportiva

RECEITA	DESPESA
Produto da venda de bilhetes... 1.864,560	Factura de Joaquim F. Guimarães... 34,50
	Factura da «Garra» e Leite... 82,50
	Factura de Manuel da Cunha... 148,50
	Factura de João Pereira da Costa... 117,50
	Factura do «Victoria S. Club»... 140,50
	Factura do «Nun' Alvares»... 386,50
	Desp. em minutas... 81,50
	40% de rendimento... 358,96
	Saldo... 515,94
Total... 1.864,560	Total... 1.864,560

Falecimento

João Carlos de Carvalho

Com 52 anos faleceu, há dias, e nosso particular amigo, sr. João Carlos de Carvalho, estimado negociante desta praça e genro do senhor General Noronha. Caracter na acepção do termo, a sua morte foi sentidissima por aqueles que o conheceram. Espirito culto, a grandeza do seu coração abria-se por todos os que se lhe dirigiam.

Deixa viuva e filhas. A familia enlutada as nossas condolencias.

Instrução Primária

O Decreto n.º 9.395, publicado no Diário do Governo n.º 130, de 12 de Junho corrente, regula os exames da 4.ª e 5.ª e 5.ª classes, realisando-se os da 4.ª classe de 1 a 10 de Julho e os da 5.ª na 2.ª quinzena do referido mês, com a presença do inspector ou seu delegado.

O art. 2.º do citado Decreto diz textualmente: «Os professores das escolas officiaes e particulares enviarão nos últimos 10 dias do mês de Junho ao inspector do Circulo uma relação dos alunos que julgarem habilitados a passar á 5.ª classe, contendo a indicação do nome, idade, naturalidade e filiação e tempo de escola de cada um. Analogamente procederão os chefes de familia com respeito aos alunos cuja educação a seu cargo se haja effectuado no ensino domestico. As provas são escritas, orais e práticas. As escritas constarão do seguinte: a) Dittado de 12 a 14 linhas de um trecho simples que permita apreciar a ortografia e a caligrafia dos examinados. b) Resolução de um problema simples de uma ou mais operações, segundo o programa de arithmetica e sistema métrico. c) Um exercicio de desenho consistindo na apresentação de um objecto á vista do aluno.

A prova pratica para os dois sexos consistirá na construção livre de um objecto de uso comum em papel, cartão, barro, plastelina, vörge, polina, esparto ou outras matérias, segundo o programa do aluno e os usos da região. Os alunos do sexo feminino são obrigados a uma prova de labores.

As provas orais constarão de: a) Lectura e explicação de um trecho simples. b) Um exercicio gramatical simples, esseito no quadro preto. c) Interrogatório sobre as disciplinas contidas nos programas. A prova oral durará, em regra, de 15 a 20 minutos. As provas realisam-se todas no mesmo dia, entrando, em regra, seis alunos em cada dia. A habilitação da 4.ª classe é equivalente á do antigo exame do 2.º grau.—art. 14.º

Os alunos que pretendam fazer exame da 5.ª classe deverão requerê-lo de 20 a 30 de Junho, artigo 33.º Assiste também o inspector ou seu delegado. Quando os alunos de uma escola for inferior a 4, reunir-se-hão os alunos, para effeito de prestação de provas, na escola mais próxima. As provas são escritas, orais e práticas. As escritas consta de um exercicio de redacção sobre assuntos simples ou cartas de familiares. Resolução de um problema de uma ou mais operações compreendidas no programa de arithmetica ou sistema métrico. Um exercicio de desenho nas mesmas condições dos alunos da 4.ª classe. Prova pratica em condições idénticas. A prova oral, da mesma forma, sobre os programas da 5.ª classe, e durará, em regra, 25 a 30 minutos. Realizar-se-hão todas no mesmo dia, sendo chamados, em regra, 4 alunos.

— Os professores diplomados, que desejem ser nomeados interinamente no futuro ano lectivo de 1924-1925, devem dirigir os seus requerimentos ao Ministro, entregando-os, com os documentos, nas Juntas Escolares, desde 20 de Junho a 20 de Julho, nos termos do di-posto no art. 44.º do Decreto n.º 9.223, de 6 de Novembro de 1923. Foi, portanto, alterado o prazo antigo, que decorria durante o mês de Agosto.

V. Ex.^a precisa comprar um serviço para jantar, chá ou livatório?...

RECOMENDA-SE A

Antiga Louçaria Rezende

DE

Manuel R. Ferreira da Costa

Rua da Assunção, 38 — PORTO.

Desconto aos Revendedores.

«A Razão»,

Semanário Republicano

Ex.^{mo} Sr.

Quem roubou?

Dizem-nos que um agente da Judicaria anda a proceder acerca dum roubo de títulos Porto-Rio, num valor superior a 75.000\$00, e que faziam parte do legado do sr. Salgado, falecido no ano findo, á Misericordia desta cidade.

Dizem-nos mais que já foram ouvidas algumas pessoas e que o roubo se deve á negligencia de alguém que não trata dos assuntos a seu cargo com o cuidado requerido.

Fala-se muito dum ignobil conluio para a distribuição de uns dinheiros de Vizela.

O que será? Dizem-nos que a maquia é grossa e que andam na baila truifos da politica.

Qua'quer dia rebenta um escandalo levado dos diabos. Brrriga a quanto obrigas!

Testemunho de gratidão

Ao Ex.^{mo} Sr. Dr. António José Rodrigues Toriz:

Venho publicamente agradecer a este illustre clinico vimaranense a forma verdadeiramente acertada como fez o tratamento duma infecção nos olhos a um filhinho meu, assim como a dedicação e carinho que lhe dispensou durante os respectivos curativos.

E' possivel que, assim procedendo espontaneamente, vá ferir Sua Ex.^a na sua modestia; mas a verdade é que eu tenho obrigação de ser-lhe eternamente grato, pois estou convencido de que lhe devo o altissimo serviço de conservar a vista a meu filho.

Guimarães, 18 de Junho de 1924.

Oscar Amadeu Moutinho.